

## OS ESTALOS E OS ECOS

Rodrigo Barchi\*

\* Doutorando em Educação pela Universidade de Campinas – Unicamp. Docente e Coordenador do curso de Geografia da Universidade de Sorocaba. Sorocaba, SP - Brasil. E-mail: rodrigo.barchi@prof.uniso.br

Does science know its limits? (A ciência sabe dos seus limites?)  
Will the threshold be reached? (Aonde quer chegar?)

Agathocles<sup>1</sup>

[...] Uma nuvem de resíduos, provocada pelo cataclismo, encobriu o sol, provocando uma escuridão completa, como se fosse um eclipse total. Após três minutos, aproximadamente, a nuvem pôs-se a baixar gradativamente, enquanto as partículas se dispersavam e uma luz tênue iluminava o campo da carnificina [...] (NAGAI, 1956).

Se o lançamento das bombas em Hiroshima e Nagasaki provavelmente tenha sido razão suficiente para que, durante toda a Guerra Fria, não fossem mais usadas armas atômicas em conflitos de qualquer espécie, porque temos a necessidade de constantemente lembrar os nossos alunos sobre esse fato que, aparentemente, não é mais uma das milhares de atrocidades que ocorreram durante todo o período da Segunda Guerra Mundial? O que nos remete hoje, ou melhor, como que nos influenciam até os dias atuais os trágicos acontecimentos daquele agosto de 1945?

Quando se fala em Japão, as primeiras imagens que vêm à mente são de um país dominado pela alta tecnologia e suas empresas de ponta; de uma história e cultura milenar que datam mais de cinco mil anos; de um país que sofre com vulcões e terremotos, por estar localizado em uma área de instabilidade que permeia todo o litoral do Pacífico, chamada Círculo do Fogo; de uma população que vive estressada pelo trabalho nos centros urbanos, e cuja juventude se esforça no exercício de identidade em um território marcado pela homogeneidade étnica, pela longevidade das pessoas devido aos elevados índices de qualidade de vida e, é claro, pela excelência das instituições escolares...

No entanto, durante a Segunda Guerra Mundial, antes do avanço dos Aliados, o exército japonês havia sido um terrível carrasco dos países invadidos, chegando a construir campos de

---

<sup>1</sup> Trecho da canção “Wipedfrom de surface”, da banda belga de grindcore/Mincecore Agathocles.

concentração que, se não foram similares aos da Alemanha Nazista na Europa, foram de uma brutalidade significativa. Mas o Japão também sofreu com os ataques maciços da aviação americana, teve suas maiores cidades arrasadas e pulverizadas com bombas de fósforo, e recebeu os dois únicos ataques nucleares em uma área urbana habitada por civís.

Quando escrevi este texto pela primeira vez, em 2001, eu citei o fato de estar evocando as (más) lembranças de Hiroshima e Nagasaki pelo fato do então governo George W. Bush estar cogitando a retomada do megalomaniaco projeto “Guerra nas Estrelas”, fracassado nos anos 80, mas que então ressuscitava o terror que parecia ter morrido com o fim do socialismo na ex-URSS em 1991. Mas isso foi antes do “11 de setembro”.

Eu era um estudante do terceiro ano do curso de Geografia e estava empolgado com a resistência política, cultural, social e ambiental promovida pelas manifestações de rua contra os encontros realizados pelas grandes instituições multilaterais internacionais (OMC, BIRD, G-8), em cidades como Washington D. C. Seattle, Praga, Paris e Gênova, durante os anos de 1999, 2000 e 2001, e que mostravam ao mundo uma militância política distinta daquela realizada por partidos políticos e por organizações não governamentais devidamente autorizadas a participar das tomadas de decisões. Manifestações que cessaram por um bom tempo após os atentados ao World Trade Center, e que, em larga escala, só voltariam a ocorrer durante os movimentos Occupy, já no final da década passada, causados devido à crise econômica estabelecida nos EUA a partir de 2008.

O medo que provavelmente ainda esteja presente no imaginário contemporâneo relativo à ameaça nuclear talvez tenha como referência somente a própria devastação ocorrida em Hiroshima e Nagasaki que nos foi remetida pelas imagens divulgadas pelos canais midiáticos, pela lembrança dos sobreviventes através de livros e entrevistas, ou nos próprios números da explosão, que até hoje causam mortes por câncer devido à radiação. Lembro que quando criança, ao conversar com algumas pessoas mais velhas sobre o assunto – gostava demais de saber sobre a Segunda Guerra – concordava-se com o fato de que as bombas mais pouparam pessoas do que qualquer outra coisa, por ter adiantado o fim da guerra em alguns anos, além do fato do Japão ter apoiado a Alemanha nazista e todo o seu horror. Alguns anos depois, como estudante universitário, ao ver a capa da revista Times publicada logo após o lançamento da bomba – com um grande X negro traçado sobre o sol vermelho da bandeira japonesa – passei a compreender

um pouco mais o discurso presente nessas falas, e como a própria mídia internacional havia justificado o fato perante o mundo.

Desde que escrevi a primeira versão desse texto se passaram 12 anos, e a ameaça nuclear voltou à tona na mídia e no imaginário internacional em alguns outros momentos, como a tensão entre as duas Coreias ou devido à tensão entre Irã e Israel por causa da insistência do país persa em manter seu programa nuclear, mas, principalmente devido à própria tragédia que se abateu sobre o Japão após a tsunami de março de 2011 e a destruição e vazamento radioativo da usina de Fukushima. Mesmo assim, os medos de hoje, uma sociedade “pós-moderna”, “de controle” – ou ainda de modernidade tardia, líquida, imersa em um período técnico-científico-informacional – são quase os mesmos de 2001. Tem-se receio da globalização e da velocidade das informações, do tráfico e da violência das grandes cidades, da polícia, do governo, dos manifestantes vândalos de direita e esquerda, dos impostos, do trânsito, dos transgênicos e dos agrotóxicos, dos neonazistas, das torcidas organizadas, das espionagens pela internet, dos grampos telefônicos, do aquecimento global, do fanatismo religioso, da corrupção governamental, da destruição da Amazônia pelas hidrelétricas e pelo agronegócio... Questões muito mais presentes e temíveis do que um holocausto nuclear.

Relativo à própria energia atômica há mais pavor de acontecimentos semelhantes aos de Three Miles Island, nos Estados Unidos, em 1979; de Tchernobyl, na Ucrânia (então pertencente à URSS), em 1986; do cézio-137, em Goiânia, em 1987; e do próprio acidente em Fukushima, em 2011. Isso devido à presença, no Brasil, de usinas nucleares, como as de Angra, que durante os últimos anos receberam maciços investimentos para serem ampliadas e concluídas, e também de outros núcleos que lidam com artefatos nucleares, como o Centro Experimental Aramar, na cidade de Iperó-SP, vizinha a Sorocaba, que realiza o beneficiamento de urânio para abastecer o submarino nuclear brasileiro.

O arsenal formado durante a Guerra Fria provavelmente tenha banalizado o acontecimento em Hiroshima e Nagasaki, já que as bombas jogadas sobre essas duas cidades se transformaram em meros “estalos de festa junina”, comparadas ao poder de destruição criado pela ex-URSS, pelos Estados Unidos, China, Reino Unido, França, Israel, e até países com níveis de miséria absolutos entre seus habitantes, como Índia e Paquistão. Na época da explosão, as

duas bombas foram consideradas uma mera demonstração do que poderia acontecer ao Japão caso não se rendesse.

Provavelmente, a maior demonstração foi de total e absoluto desprezo por tudo aquilo que pode ser considerado vivo; talvez mais em Nagasaki do que na própria Hiroshima. O poder de dissuasão de uma bomba já era mais do que suficiente – mas nunca justificável – pelos próprios estrategistas de guerra estadunidenses. Era necessário repetir as atrocidades nazistas ao utilizar seres humanos de cobaias vivas para suas experiências “científicas”, ao utilizar duas bombas de materiais diferentes nas duas cidades?

Aliás, era necessária a matança de civís inocentes – em grande parte reféns de um Estado belicista, sanguinário e totalitário – através do uso de uma bomba nuclear, devido à necessidade de se revidar as atrocidades de um exército cruel como foi o japonês, utilizando da justificativa de responder violência com mais violência? Os interesses econômicos de empresários de indústrias bélicas se tornavam mais relevantes do que o próprio sentido de vida humana, ao testar um produto na prática para ser utilizado como propaganda? Ou então a justificativa de se enterrar de vez um inimigo já moribundo, e intimidar o inimigo vindouro, que seria a URSS nos anos de Guerra Fria?

Os eventos que ocorrem todos os anos, no mês de agosto, em Hiroshima e Nagasaki servem para lembrar os japoneses não só repetirem os erros que os levaram à total destruição e barbárie do país, mas também lembrarem ao mundo que um fato como esse não pode ser jamais esquecido e desprezado. Mas o problema maior pode ser o inverso, ou seja, a sua banalização, talvez pelo excesso de informação e de imagens circulados pela televisão e pela internet, que faz com que o lançamento das bombas seja tratado como uma mera curiosidade histórica em um local distante. Ou então, que professores e livros didáticos tratem como mais um conteúdo a ser rapidamente informado aos alunos. Ou então que o cotidiano se preocupe com coisas mais importantes do que os efeitos de uma bomba nuclear “menor”, lançada há longínquos quase setenta anos.

Crise subjetiva da humanidade? Interesse geopolítico e econômico acima dos interesses sociais, ambientais e culturais? Demonstração promíscua de poder? Se as bombas de Hiroshima e Nagasaki evitaram, pela própria experiência, uma total guerra nuclear nas décadas seguintes,

muitas feridas ainda se mantêm abertas em uma sociedade global que parece ter tomado consciência – ou espera-se que tenha tomado – de sua própria autodestruição.

### REFERÊNCIAS

NAGAI, Paulo. **Os sinos de Nagasaki**. São Paulo: Flamboyant, 1956.